

## Ambiguidades no corpo e na alma: problematizando os limites dos gêneros

Paulo Reis dos Santos<sup>1</sup>

Universidade Estadual de Campinas

**Resumo:** Este trabalho é o resultado de uma longa e intensa pesquisa de campo com as travestis profissionais do sexo, moradoras na casa de uma cafetina, no Jardim Itatinga – maior zona de prostituição da América Latina, situada na periferia da cidade de Campinas, interior do Estado de São Paulo - que foi realizada para minha Dissertação de Mestrado no GEISH – Grupo Interdisciplinar de Sexualidade Humana da Faculdade de Educação da UNICAMP. Neste trabalho, numa perspectiva foucaultiana, analiso os relatos de vida de minhas entrevistadas, nos quais surgem questões relacionadas ao cotidiano intrinsecamente imbricadas com a identidade e a subjetividade. Dessa maneira, busco compreender qual o impacto exercido pela modificação corporal na subjetividade desses sujeitos e na sua construção identitária, na sua relação com o outro e consigo mesma. Sem perder de vista que esse processo de transformação pode apresentar duas vias, a da normatização e a da transgressão, procuro apreender como o corpo pode gerar novas instâncias de significados entre as relações sexo e gênero, identidade e subjetividade.

**Palavras-chave:** gênero, travesti, intolerância.

Este artigo é uma compilação de um dos capítulos de minha Dissertação de Mestrado, defendida no GEISH - Grupo de Estudo Interdisciplinar de Sexualidade Humana da Faculdade de Educação da Universidade Campinas – UNICAMP, cuja pesquisa de campo se deu entre abril e dezembro de 2006, com as travestis<sup>2</sup> moradoras na casa da Adriana no Jardim Itatinga, maior zona de prostituição da América Latina.

Início este texto afirmando que as identidades são forjadas a partir das contradições sociais, onde expressar o gênero feminino ou masculino implica estar no mundo em lugares e posições diferenciadas, pois ao homem e à mulher são atribuídas funções diferentes e atividades hierarquicamente valorizadas. É através da incorporação de valores, normas, regras, crenças, e na relação do sujeito com o momento histórico em que vive que a sua identidade é construída.

Para a edificação da arquitetura identitária, a primeira diferença se faz no momento do nascimento, quando o médico declara que o bebê é menino ou menina; aliás, hoje em dia, até muito antes, quando a mãe realiza o exame de ultrassonografia e os pais saem da sala de exames com o CD de fotos da criança ainda na barriga da mãe.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

<sup>2</sup> Utilizo o termo *travesti* no feminino, em respeito a reivindicação do movimento nacional das travestis dando preferência ao gênero feminino.

Assim, a identidade é atribuída, discursivamente, ao indivíduo a partir de seu sexo biológico e passa a ser assumida pelos próprios sujeitos como projeto de construção biográfica e comunitária, transformando-se num operador de criação e mudança de estilos de vida.

Com o passar do tempo, outras diferenças serão incorporadas por meio da relação do sujeitos com a cultura, com a sociedade, com familiares, com a escola, religião etc. Sendo assim, o gênero acaba por orientar a vida dos sujeitos para além do sexo e impõe o masculino e o feminino na sua relação de produção sociocultural.

Entretanto, é por meio de um intenso e contínuo investimento sobre os sujeitos que as diferentes identidades masculinas e femininas se constituem. E elas tornam-se visivelmente diferenciadas, reguladas, hierarquizadas e percebidas por todos os indivíduos.

Por isso, ao falarmos sobre heteronormatividade, ou seja, as regras que normatizam a heterossexualidade como modo “correto” de estruturar o desejo, devemos ter em mente que ela não é somente a oposição hetero/homossexual, mas, antes, engloba todas as identidades, inclusive as dissidentes, incluindo também aquelas que se opõem à masculinidade e feminilidade.

Dessa forma, concordamos com Cascais (2007):

Sem a institucionalização jurídica e a compulsão social, a relação heterossexual, monogâmica e conjugal se enfileiraria no varal de psicopatologias, perversões, anamorfozes e monstruosidades que alimentaram o imenso “gabinete de curiosidades” da *scientia sexualis* e o imaginário popular. Com elas, fica-se pelas simples e manejáveis disfuncionalidades que não beliscam a canonicidade do modelo: repare-se que nunca passa pela cabeça dos terapeutas clássicos “trabalhar” a heterossexualidade como “trabalham” terapeuticamente a homossexualidade [e eu diria todas as outras identidades sexuais]. Na verdade, é na pura relação que o modelo assimétrico que sustenta a heterossexualidade compulsiva se patenteia com maior dramatismo. A assimetria passa certamente pela diferenciação dos estatutos de gênero - homem-mulher-, mas de modo nenhum se resume a esta.

Foi a psicanálise que forneceu a argumentação da normalização e os contra-argumentos do construtivismo, sobretudo na medida em que se constituiu como alternativa simbólica ao biologismo psicomédico, de cujas premissas, por sua vez, comungaram as correntes essencialistas que criaram a necessidade política de definir identidades mais ou menos rígidas e que possibilitaram aos mais favorecidos a permutabilidade das suas diferentes identidades (social, profissional, familiar, sexual etc.) e, aos menos favorecidos, de se verem reduzidos à unidimensionalidade, isto é, compelidos a gerir suas vidas sobre um eixo único (social, profissional, familiar, sexual etc.).

Como bem demonstrou Laqüer (2001), após séculos de soberania do modelo de sexo único, onde a mulher era o arremedo do homem, foi apenas no século XIX que surgiu para as ciências a configuração de dois sexos, o masculino e o feminino. Desde então, buscou-se definir o que seria uma sexualidade sadia e normal, e os seus desvios.

Assim, o discurso médico-jurídico elevou-se à categoria de discurso verdadeiro sobre o sexo e a sexualidade, impondo a heterossexualidade com uma forma sadia e natural para todos os indivíduos e reservando à homossexualidade e todas as outras formas dissidentes de sexualidade, o lugar das perversões, degenerescência ou retardamento mental.

Costa (1996, p. 71), em seu ensaio intitulado "O referente da identidade homossexual", ao considerar a construção cultural da identidade, salienta:

Historicamente, junto com as históricas, o invertido vai ser o filho bastardo da mulher-mãe e do homem-pai e o irmão patológico dos trânsfugas e viciosos da nova ordem médica familiar: velhos senis e indecentes; solteiros dissipados; crianças masturbadoras; criminosos natos; sífilíticos irresponsáveis; prostitutas masculinizadas; alcoólicos; homicidas; loucos etc. A grande família dos degenerados instintivos estava fabricada e dela herdamos boa parte de nossas crenças sexuais civilizadas.

Por trás da supervalorização do masculino e, conseqüentemente, do homem, está a inferiorização da mulher e de tudo o que o feminino impõe, criando condições para a atitude machista que faz subordinar a mulher ao homem.

Por outro lado, a misoginia “

(. . .) naturaliza a inferioridade feminina, creditando-lhe incapacidade própria e utilizando-se de artifícios como hostilidade, agressão e submissão das mulheres a partir do uso da legitimidade do patriarcado, processo de invisibilização e inferiorização das mulheres, legitimando socialmente atitudes de hostilidade, agressão e submissão. (Oliveira, 2007)

Ao demonstrar sua força, o homem busca preservar os poderes que lhe foram atribuídos coletivamente, através da história e da cultura. Mas é bom lembrar que as identidades masculinas e femininas são efeitos de uma ordem discursiva normativa, tanto produtiva como produto do poder disciplinar, em que, para ser um homem verdadeiro, há que se combater todos os aspectos e tudo que poderia fazê-lo ser associado à mulher.

Machismo e misoginia se completam e potencializam-se para criar condições sociais de subordinação das mulheres aos homens, tornando-as invisíveis, simbólica e imaginariamente. Outra face do machismo é a homofobia, que considera a heterossexualidade como padrão da conduta sexual humana, portanto, superior e positiva, e a homossexualidade como inferior, negativa, antinatural. Nesse contexto, as atitudes hostis e violentas contra todos os indivíduos que cruzam as fronteiras dos gêneros são expressões dessa forma de sexismo, que, potencializado com o machismo, misoginia e homofobia, legitimam, justificam e tornam inquestionável a sua prática.

Para Cascais (2007), “(. . .) a homofobia [é] a discriminação contra as pessoas que mostram, ou a quem se atribui, algumas qualidades (ou defeitos) atribuídos ao outro gênero. [Assim, a] homofobia engessa as fronteiras do gênero”. Dentro dessa visão reducionista, os homossexuais são todos os homens que não manifestam sinais exteriores de masculinidade, ou que apresentam sinais visíveis de feminilidade: roupas, adereços, cabelos, jeito corporal.

Cascais ressalta que, para incorporar o gênero masculino, o menino tem que

(. . .) aprender a respeitar os códigos, os ritos que se tornam então operadores hierárquicos. Integrar códigos e ritos, que no esporte são as regras, obriga a integrar corporalmente (incorporar) os não-ditos. Um desses não-ditos, que alguns anos mais tarde relatam os rapazes já tornados homens, é que essa aprendizagem se faz no sofrimento. Sofrimentos psíquicos de não conseguir jogar tão bem quanto os outros. Sofrimentos dos corpos que devem endurecer para poder jogar corretamente. Os pés, as mãos, os músculos... se formam, se modelam, se rigidificam por uma espécie de jogo sado-masoquista com a dor. O pequeno homem deve aprender a aceitar o

sofrimento sem dizer uma palavra e sem "amaldiçoar" para integrar o círculo restrito dos homens. Nesses grupos monossexuados se incorporam gestos, movimentos, reações masculinas, todo o capital de atitudes que contribuirão para se tornar um homem. (2007)

É através dos jogos sociais, e na dinâmica de sua interação com outros atores, como pai, mãe, colegas, professores, vizinhos, parentes etc., que o menino aprende que ser homem é ser diferente da mulher e, sendo diferente, a desejá-la. Em outras palavras, que é necessário desvincular-se do modelo feminino em si. Desse modo, a mulher torna-se o centro da rejeição, transforma-se num inimigo interior que deve ser combatido sob pena de, ao ser associado a uma *mulherzinha*, ser mal tratado. Portanto, o menino assimila que há uma necessidade masculina interior de se distinguir dos fracos, das mulherzinhas e dos "veados", ou seja, daqueles que são considerados como não-homens. E assim também vai aprendendo a desejar o não homem, o feminino. Em outras palavras, ele subjetiva que desejar sexualmente o feminino é o correto, mas que deve rejeitá-lo em seu próprio corpo.

Historicamente, a mulher foi considerada um homem imperfeito e seu corpo foi rejeitado, enquanto ao corpo masculino foi conferido o *status* de perfeição. Antagonizando o feminino e o masculino, as estruturas sociais provocaram desigualdades entre as condições de vida do homem e da mulher e, conseqüentemente, terminaram por estigmatizar os não-homens; em outras palavras, os homossexuais e mais especificamente as travestis, que incorporam e exibem publicamente um corpo híbrido, onde masculino e feminino se mesclam.

E assim, a "monstruosidade", antes representada pelo corpo feminino, hoje se encarna na figura das travestis e transexuais, que assustam e incomodam as bases conceituais que definem o que é ser homem e/ou mulher, gerando desde a patologização científica até a agressão social cotidiana e rotineira que muitos desses sujeitos vivenciam, exemplificada no seguinte relato:

*P - E o que aconteceu com você ontem?*

Eliane - Tô até passada!

*P: - Antes eu quero saber onde você trabalha, onde?*

Eliane - Eu trabalho aqui [no Itatinga] e no centro [Aquidabã].  
(cachorro latindo alto, dificultando o entendimento das falas).

*P - E o que aconteceu ontem?*

E - Um rapaz passou aqui e me chamou pra fazer um programa. E na hora em que eu fui fazer o programa ali (na rua da Neca<sup>3</sup>) com ele, ele me deu uma pedrada. Uma tijolada.

*P - Como é que é?*

E - Eu tô acostumada já a fazer programa com ele.

*P - E porque ele te deu uma pedrada?*

E - Não sei.

*P - Você não fez nada pra ele?*

E - Nada.

*P - Foi de graça, então? E você foi estuprada?*

E - Eu não sei. Aí eu acordei com as bichas [as travestis da casa da Adriana] me acordando.

*P - Em que hora foi isso?*

E - Ah! Eu não sei, foi nesse horário assim mais ou menos.

*P - Foi... vinte para as sete, seis e meia, vinte para as sete?*

---

<sup>3</sup> Rua da Neca é uma rua sem asfalto, com alguns imóveis abandonados cercados por um matagal, onde as travestis do Itatinga ficam expondo seus órgãos sexuais, se masturbando. Por ali passam muitos homens de carros, alguns luxuosos. Os programas costumam acontecer ali mesmo, dentro dos carros, no matagal ou nos imóveis abandonados. (É oportuno lembrar que *neca*, no dialeto bajubá, significa pênis).

E - Denise, eu cheguei na sua casa em que hora ontem?

Denise – Ah, minha filha, era umas...

E - *Umas oito horas?*

D - Não, era antes das oito horas, umas sete e meia.

P - *Você ficou desacordada?*

D - Ele bateu também na sua perna. Como é que foi?

E - Eu levei uma porrada aqui [nas nádegas], onde tem silicone e dói. Virou um caroço.

D - Ela chegou lá em casa com a cabeça toda suja de sangue. Aí eu tive que olhar pra ver se não tinha algum corte muito grande, que precisasse levar ponto. Não tinha. Aí eu falei assim: “põe uma gaze, é só uma escoriação, mas uma gaze desse tamanho”. Falei: “toma um banho, lava a cabeça, porque vai ficar fedido, se você não lavar o cabelo vai ficar duro”. Aí ela veio, tomou banho, lavou o cabelo. E foi aí... e aí tô falando pra ela que precisa tomar cuidado. Quando uma desce (ir para a rua da Neca ou na rua do Cu<sup>4</sup>, ruas escuras e com matagal alto, fazer programas) ir outra junto. Ficar por perto, porque a gente tem que se proteger, porque a vida da gente é assim mesmo. Você vê, passou um moço agora ali. O moço era um pouco saliente [gostoso, ele não havia mexido com ninguém], chamou a atenção de todos aqui. Inclusive a minha atenção, né? Ele passou, ficou olhando pra nós e foi embora. Mas, se ele tivesse dado confiança, uma de nós ia levantar pra ir conversar com ele. Ele não parece que tem posses para ir num quarto, para pagar um programa completo. Se ele tiver, “mal-e-má” o dinheiro dá pra fazer um programinha baratinho ainda! Porque ele é um pedestre, e um pedestre aí que está passando. Vê, teria que ir onde? Assim, aqui atrás do muro, ali debaixo daquela árvore, ali atrás daquela casa ali, nessa construção que tem ali. Mas aí sim, a gente precisa tomar cuidado, se prevenir. Eu não vou não, não vou, pela vasta experiência que eu tenho. Eu fiquei traumatizada com todas as histórias que eu já ouvi daqui. Hoje mesmo, sempre essas coisas mexem comigo.

(todas falam ao mesmo tempo)

P - *Mas você conhece o cara?*

E - Ele não sai daqui.

D - É difícil identificar um agressor, né? Como é que se identifica um cara desses, que está acostumado a fazer programa? Dá uma loucura na cabeça dele na hora, é revolta porque outra xingou... Pode ser também, né? Porque vai saber...

P - *Aí você tem que fazer a denúncia, ir à delegacia fazer um BO.*

E - Não sei se vou fazer, não. Deus sabe o que faz.

P - *Mas vocês precisam tomar cuidado, aqui.*

E - A violência com travesti é muito... em São Paulo, morre travesti minuto em minuto. (Caderno de campo, 12/08/2006).

Durante o período em que me dediquei a esse estudo, entre 2004 e 2007, houve na cidade de Campinas três assassinatos de travestis: Shaiane, que, aos 16 anos de idade, foi morta com facadas no abdômen, e Xandinha Brasil, a tiros, numa emboscada; Claudete Troiano foi assassinada a pauladas com esfacelamento do crânio, e seu corpo foi encontrado num matagal, ao lado da rua do Cu, no Jardim Itatinga. No caso de Shaiane e Claudete, outras travestis descreveram os assassinos para os investigadores, porém, bem como no caso de Xandinha, os inqueritos continuam insolúveis. Houve ainda dois casos de desaparecimentos: uma delas foi encontrada depois, morando na casa

---

<sup>4</sup> Rua do Cu é uma rua sem asfalto, sem imóveis, limítrofe entre o bairro e um matagal, perpendicular à rua da Neca, onde quem não tem dinheiro para pagar por um programa, vai para fazer vício, ou seja, sexo gratuito; em geral, são gays à procura de sexo anal, como passivos e ativos, sem dinheiro para pagar por um programa sexual.

de uma cafetina<sup>5</sup>, em Santo André, enquanto outra continua desaparecida, desde março de 2007.

Vale ressaltar que esses casos são conhecidos oficialmente. Extraoficialmente, são relatados casos de mortes provocadas por aplicação clandestina de silicone líquido, em que os corpos ou desaparecem ou são deixados próximos ao Hospital Municipal Dr. Mário Gatti e dos quais não possuímos dados sistematizados, assim como de outros que acontecem tanto na periferia quanto nas rodovias que cruzam a cidade.

Através dos relatos dos sujeitos participantes de meu estudo, pude observar que a travesti constrói seu corpo e sua vida, portanto, sua subjetividade, do lado de fora das relações sociais da cultura tradicional: na borda que circunscreve a norma como o centro da vida social, onde os desviantes e transgressores, segundo Louro (2004, p. 16), “(. . .) se tornarão, então, alvos preferenciais das pedagogias corretivas e das ações de recuperação ou de punição. Para eles e para elas a sociedade reservará penalidades, sanções, reformas e exclusões”.

Em *História da sexualidade II: usos dos prazeres*, Foucault enfatiza que, entre a regra e a conduta, há aquilo que ele chamou de subjetivação, os modos de conduzir-se, isto é, as maneiras pelas quais a pessoa se transforma em sujeito de uma conduta moral. Já em *Ditos e escritos V* (2006, p. 211), ele alerta:

Ocorre que essas regras e valores sejam bem explicitamente formulados em uma doutrina coerente e um ensinamento explícito. Mas ocorre também que sejam transmitidos de maneira difusa e que, longe de formarem um conjunto sistemático, constituam um jogo complexo de elementos que se compensem, se corrijam, se anulem em certos pontos, permitindo, dessa forma, compromissos ou escapatórias. Feitas essas ressalvas, pode-se chamar esse conjunto prescritivo de "código moral". Porém, entende-se também por "moral" o comportamento real dos indivíduos em sua relação com as regras e valores que lhe são propostos: designa-se, assim, a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta, pela qual obedecem ou resistem a uma interdição ou a uma prescrição, pela qual respeitam ou negligenciam um conjunto de valores; o estudo desse aspecto da moral deve determinar de que modo, e com que margem de variação ou de transgressão os indivíduos ou grupos se conduzem em referência a um sistema prescritivo, que é explícita ou implicitamente dado em sua cultura, e do qual eles têm consciência mais menos clara. Chamemos esse nível de fenômenos de "moralidade dos comportamentos".

Em *História da sexualidade I: a vontade de saber*, Foucault analisa o que denominou *scientia sexualis*, ou seja, a ciência do sexo, que pretendia lançar luz nesse aspecto do ser humano. Para o autor, foi a partir dos séculos XVI e XVII que, na sociedade ocidental, se multiplicaram os discursos sobre o sexo e que, ao estudar, nomear e definir sua anatomia, funções e regulamentações acabou por ocultá-lo. Então, todo esse aparato discursivo teve como foco produzir verdades sobre o sexo. Foi no século XIX, que o discurso médico, numa pretensa neutralidade científica, produziu inúmeros “discursos verdadeiros”, atrelando as relações e comportamentos sexuais ao “normal” e “patológico”, ligando-os à biologia e às práticas reprodutivas.

Segundo o autor, foi no Ocidente que se configurou a *scientia sexualis*, onde a tecnologia da confissão religiosa foi fundamental para a produção de um *know-how* de saberes sobre o sexo. Foi assim que os ocidentais foram levados a confessar tudo, a

<sup>5</sup> Cafetina - Dona de casas ou pensões onde moram grupos de travestis. Segundo o *Novo Aurélio Século XXI* - Dicionário da Língua Portuguesa: Caftina. S.f. Bras. Mulher que explora o comércio de meretrizes.

[Var.; cafetina] (1999, p. 361).

expor seus prazeres como uma obrigação internalizada. A técnica da confissão estabelece uma relação de poder na qual aquele que confessa se expõe, produz um discurso sobre si, enquanto aquele que ouve, interpreta, redime, condena, domina e produz discursos científicos elevados à categoria de discursos verdadeiros sobre a sexualidade.

Com base na *scientia sexualis*, o desejo sexual do homem pelas mulheres e vice-versa se impôs como forma natural de sexualidade. Jogos sexuais, prazeres e desejos associados à reprodução humana se transformaram no paradigma heterossexual e servindo de linha de conduta para homens e mulheres, dando origem ao heterossexismo que, para Welzer-Lang (2007), é

(. . .) a discriminação e a opressão baseadas em uma distinção feita a propósito da orientação sexual. O heterossexismo é a promoção incessante, pelas instituições e/ou indivíduos, da superioridade da heterossexualidade e da subordinação simulada da homossexualidade. O heterossexismo toma como dado que todo mundo é heterossexual. (. . .) Toda forma reivindicada de sexualidade que se distingue da heterossexualidade é desvalorizada e considerada como diferente da doxa de sexo que se impõe como modelo único. O mesmo acontece com a bissexualidade, as sexualidades transexuais, etc.

Para Foucault, a *scientia sexualis* opõe-se culturalmente à *ars erotica* (arte erótica), que certas civilizações orientais, como a China e a Índia, consagram à sexualidade, definida como enigma e assunto passível de um processo de iniciação e aprendizado. A *scientia sexualis* ocidental procura definir um parâmetro de normalidade dentro do qual opera, incluindo o que é aceitável e excluindo o inaceitável nesse campo. Mas, para excluir, é preciso estudar, conhecer e perscrutar ao extremo aquilo que vai ser excluído. E, nesse jogo de inclusão/exclusão, mais que reprimir, impedir ou censurar, há um incitamento e compulsão a se falar e a fazer sexo. Num primeiro momento, a *scientia sexualis* normatiza e disciplina as práticas sexuais. Num segundo, ela se serve da *ars erotica* para modelar as práticas sexuais sobre as quais são construídas as identidades sexuais humanas.

Analisando os efeitos da elaboração científica sobre os processos de exclusão, Foucault comenta a formação de um certo tipo de saber sobre o sexo, não em termos de repressão ou de lei, mas em termos de poder:

É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas, também, afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras. [Assim] possibilitou a constituição de um discurso “de reação”: a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua “naturalidade” e muitas vezes dentro do vocabulário e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico. (FOUCAULT, 1996, p.17)

Nesse sentido, transformar nossos paradigmas críticos ou, no mínimo, aceitar princípios não heteronormativos, nos instrumentaliza a desconstruir as referências uniformes sobre homens, mulheres, gays, lésbicas e travestis. E a melhor alternativa para isso é a escuta do que esses homens e mulheres que hoje vivem encenam ou sugerem outros tipos de sexualidades e de gêneros têm a nos dizer:

Denise – Pra um menino cortejar um homem não é fácil, mas se ele tiver uma aparência feminina, isso facilita. Então, talvez, seja esse o processo. As travestis não chegaram aqui [no Jardim Itatinga] femininas, não chegaram aqui de peito. Nenhum rapaz cresce aprendendo a ser mulher; o máximo que a mãe faz, se ela não tiver uma empregada, é ensiná-lo a cozinhar, a fazer o serviço de casa, porque ele tem mais jeito e tal... Então, todos os adolescentes que são travestis, eles vão chegar daquele jeito mesmo [apontando um garoto], igual àquele, não vão chegar de cabelo grande...

*Pesquisador – As meninas [ou meninos] que chegam aqui e que ainda não fizeram a transformação corporal entendem ou sabem a diferença entre ser travesti e ser transexual?*

D – Hoje, eles chegam pra transformar. A S. tem 15 anos...

*P – Mas com essa idade a identidade já está construída? Ela sabe se ela é travesti ou transexual?*

D – Não.

(Caderno de campo 05/04/2006).

A despeito de todo o aparato social colocado à disposição da realização do projeto identitário heterossexista, as identidades transgressoras estão aí nos fazendo reconhecer que o modelo ideal dos gêneros não se realiza completamente na experiência humana, pois a travesti, enquanto identidade de gênero e projeto biográfico, se contrapõe ao modelo padrão de sexualidade. As travestis são os sujeitos sociais depositários da capacidade humana de recambiar, alterar, recriar e produzir suas identidades, resistindo a toda sorte de interdições, humilhações, discriminações e violências, constituindo-se a partir de uma ética outra:

Ingrid - Aí eu vi aquilo, aí eu falei: o que que é aquilo? É mulher, é homem, o que é aquilo? Até então... eu nunca tinha visto de perto uma travesti, só pela televisão, mas eu achava que aquilo era montagem; sei lá o que que era...Aí eu vi já com os peitos de fora, balançando... quadrilzão, corpo de mulher, mas eu sabia que era um homem...Nossa!

*P - Porque você sabia que era um homem?*

I - Porque uma mulher não ia andar daquele jeito que ele estava andando... Roupa muito curtinha, os peitos... muito bonita, usando umas roupas muito finas... Eu tinha 18 anos e era a primeira vez que eu via de pertinho.

(. . .)

(Outra travesti) - Lá em casa eu arrumava a camiseta na cabeça, criança; assim, camiseta preta, e jogava, assim... [como se fosse cabelo].

I - A minha irmã fala melhor da minha infância do que eu... ela me conta que eu brincava de boneca, sempre me sentia mulher, mas aquilo era coisa de criança... Pra mim, pra minha mãe, pro meu pai... Tudo era, tudo era coisa de criança. Minha família nunca teve nenhum tipo de preconceito... Então a minha mãe falava assim: “Ah! Vai ser estilista, cabeleireiro”. Eu brincava de boneca e minha mãe achava... Fazia roupinha de boneca e ela achava que eu ia ser cabeleireiro, estilista.

*P - Mas aí, com 18 anos, você encontra uma travesti...*

I - Eu perguntei: como é que você fez pra ficar assim, né? ...Pensei que ela não ia dar resposta... Aí ela foi bem bacana, aí ela falou assim que tomou hormônio, aquilo outro. Aí eu falei: que hormônio que você toma? Eu tomo... Perlutã<sup>6</sup>. Como é que é? Perlutã, não sei o quê? Aí tinha um cara, tinha um cara lá na minha cidade que eu queria ficar com ele e ele nunca me deu moral.

(. . .)

---

<sup>6</sup> Perlutã, anticoncepcional feminino, muito utilizado pelas travestis para feminilizar o corpo, aumentar os seios e arredondar as formas corporais.

I - Aí tinha esse rapaz que eu queria ficar com ele, mas ele nunca me deu moral. Ele falava assim: se ele fosse ficar com gay, ele nunca ia ficar comigo.

(Todas falam ao mesmo tempo).

I - Se ele fosse ficar com gay, ele ia ficar com outro tipo de gay. Ele ficaria com um gay que lembrasse uma mulher, entendeu?

(Caderno de Campo, 12/08/2006).

Apesar de a heteronormatividade impor a homens e mulheres o comportamento sexual heterossexuado, na prática, o desejo é fluido e não se deixa capturar por nenhuma regra. Embora haja uma compulsão para se manter dentro do jogo social – o garoto diz não sair com indivíduos masculinos, com trejeitos femininos representados pelo gay afeminado – seu desejo se desloca para figuras masculinas que incorporam e exibem publicamente o feminino em seus corpos; no caso, com a travesti.

Uma das consequências da cultura heteronormativa é o sofrimento psíquico que muitos jovens sentem, diante de seus desejos e do peso da expectativa social sobre eles. Esse drama é exemplificado pelo relato abaixo:

*Pesquisador - E como é que foi esse processo, como é que você se transformou numa travesti?*

Ingrid - Eu me descobri travesti (. . .) eu estava numa complicação comigo mesmo; assim, pra saber quem que era eu...Quem é [sou] eu?

*P – Por quê?*

I - Porque eu não sabia quem que eu era, eu gostava de homem, mas não queria gostar de homem...

(. . .) lá onde eu morava não tinha travesti, tinha gay. Aí eu falava, eu não quero ser aquilo... A gente via as pessoas falando... Passava na rua, o povo xingava. Aquele preconceito bobo. Aí eu falava: eu não quero ser aquilo. Porque eu sempre cresci vendo aquilo, xingando, sendo xingado e tudo o mais... Ai... eu não quero ser assim, eu não sou assim, eu não sou aquilo...

(Caderno de campo, 12/08/2006).

Os procedimentos pedagógicos vão normatizando os indivíduos e visam à emergência de sujeitos sociais saudáveis. No entanto, a inadequação do menino efeminado causa-lhe grande angústia por não corresponder às expectativas depositadas sobre ele. Humilhado, busca outra saída, outra possibilidade para seu sofrimento interior. Seu desejo erótico volta-se para o corpo masculino, quando a sociedade lhe diz que seu objeto de desejo deveria ser o feminino. Dúvidas e receios o levam a novos caminhos, e sua curiosidade, à nova possibilidade colocada diante de seus olhos, marcada pelo signo do encantamento e da exuberância: tornar-se travesti.

Para qualquer sujeito, a adolescência é um período de expectativas e incertezas. Para um menino cujo desejo sexual e afetivo aponta para esferas além do permitido socialmente, essa fase da vida se transforma num processo violento e angustiante. Uma vez que é no corpo que se dá a relação mais próxima que o sujeito pode ter consigo mesmo, a sociedade permanentemente vai buscar regular-lhe o funcionamento, ditando normas e disciplinando desejos, prazeres e paixões.

Nesse sentido, as travestis vêm tornar visível o embaralhamento e a desordem que reinam sob o manto da heterossexualidade, pois elas também não se encaixam na identidade homossexual tradicional, suporte de todas as identidades classificadas como *não-homens*. Mesmo assim, ainda persiste para a grande maioria das pessoas a crença sobre a naturalidade do masculino e do feminino.

A posição social hierárquica entre o homem e a mulher é reforçada inclusive pela misoginia de alguns homossexuais masculinos contra as travestis, reproduzindo e reforçando o jogo ou desprezo sobre os estereótipos da feminilidade.

Dessa maneira, em se tratando das travestis, machismo e misoginia mesclam-se e potencializam-se, haja vista o grau da ferocidade das agressões a elas dirigidas e a impunidade com que seus agressores, principalmente aqueles entre os agentes de segurança pública, como policiais militares/civis e guardas municipais, que são agraciados, como bem exemplifica o depoimento abaixo:

Josiane - Aí você ia trabalhar na rua, e os alibãs <sup>7</sup> te pegava e levava pro Pico das Cabras <sup>8</sup>, te largava lá sem roupa e mandava você rolar no chão, jogava no barranco lá de cima e você tinha que desbarrancar, rolando até lá embaixo. E aí de você se não corresse! Eles metiam bala! Quantas e quantas vezes eu e (. . .) [cita outros nomes] as bichas [as travestis] chegavam 8 horas da manhã em casa sem nada, porque eles largavam a gente peladinha na rua. Eles não queriam nem saber, o dinheiro que a gente tinha na bolsa eles levavam tudo, paravam nas lanchonetes, comiam lanches com o próprio dinheiro da gente, parava em tudo que era lugar e tomavam refrigerante, enchiam o tanque da viatura, tudo com nosso dinheiro. O dinheiro que a gente fazia na noite, podia esquecer. Cada esquina que eles passavam, eles jogavam um pente, um batom, a camisinha e ia jogando, iam destruindo sua bolsa, sapato num canto, roupa no outro. Enquanto eles não te viam pelada, não te zoavam o máximo, te largavam pelada, eles não iam embora. Levavam lá no canavial, lá em Sousas. Quantas vezes atravessei aquela [rodovia] D. Pedro! Até pra vir embora era terrível. Naquela época, as bichas também eram podres, se você fosse na rua e a polícia viesse pra te bater e você não enfrentasse a polícia, depois as bichas te batiam; você tinha que se atracar com a polícia. Eu quebrei todos os dentes, três dentes meus foram implantados por briga com a polícia. Levei tiro nas costas, levei um na barriga, tirei um rim, tudo rolo com a polícia. Tiroteio...  
(Caderno de campo, 05/05/2006).

Os discursos médico e jurídico colocam as travestis como sujeitos doentes e anormais e, assim, *autorizam* o seu desmonte pela ordem policial. Movidos por essa *autorização social*, a polícia civil realiza, de vez em quando, uma faxina, retirando das ruas esses “monstros”, levando-os para locais ermos e distantes do centro da cidade. E, ali, desmontam-nos, retiram violentamente desses corpos masculinos todos os adereços que os enfeitam: pentes, batom, bolsa, peruca, sapatos e roupas. Mesmo sem esses ornamentos, esses corpos siliconados continuam a apresentar formas femininas. Se a travesti é o feminino performático, seu corpo nu, sem esses adornos que caracterizam o feminino, continua a ser um corpo travestido? E quem o porta, com seios fartos, ancas largas, nádegas volumosas, ainda é uma travesti? Sendo assim, onde reside a identidade travesti? No seu corpo físico? No peito siliconado? No pênis aquendado<sup>9</sup>? Ou nos enfeites?

O que justifica a ação policial com tamanha virulência é o machismo que nos obriga a olhar para o corpo biológico masculino como naturalmente superior ao da mulher. Assim, esses guardiões da ordem social castigam a travesti, para que ela entenda

---

<sup>7</sup> Alibã – policial, em bajubá.

<sup>8</sup> Em Sousas, distrito da cidade de Campinas, área rural.

<sup>9</sup> Aquendar, em bajubá, significa esconder.

que é homem e que, portanto, não pode ser feminina, nem utilizar os adereços e símbolos do feminino em seu corpo masculino.

A falsa superioridade do homem sobre a mulher deu origem à dominação masculina, ao sexismo, que exclui, discrimina e limita a participação dos sujeitos, em função de seu sexo, gênero, identidade sexual e faixa etária. Essa dominação se exerce na esfera privada e pública e confere aos homens (ou aos tipos mais masculinizados tidos como heterossexuais) privilégios materiais, culturais e simbólicos.

Para essa cultura heteronormativa, a vida da travesti e o seu entorno encontram-se na ilegalidade jurídica: prostituição, cafetinagem, drogradição e alteração do corpo masculino em desacordo com a ética médica (aplicação de silicone líquido/industrial não indicado para uso humano, ingestão de hormônios femininos etc.). Dessa maneira, as travestis vivenciam cotidianamente formas variadas de constrangimentos e violências, pois não estão protegidas pela legislação vigente. E principalmente porque violam as expectativas tradicionais de masculinidade, estão sujeitas às formas mais violentas de discriminação entre os sujeitos inseridos nas chamadas "minorias sexuais".

Sejam quais forem as violências sofridas, elas estão intimamente ligadas ao lugar social em que se encontram os sujeitos envolvidos nas situações concretas. Por essa razão, é oportuno lembrar que a violência dirigida às travestis tem agressores difusos e são vivenciadas em situações também relativamente obscuras, sendo suas motivações e causas difíceis de serem apontadas.

Levando-se em conta que, no Brasil de hoje, encontramos um vasto conjunto de desigualdades sociais, aos quais se somam inúmeros outros agravantes, como a baixa incorporação de valores de cidadania e a falta quase absoluta de mecanismos de proteção social, podemos começar a entender os números apontados pela pesquisa Sexualidade, Cidadania e Homofobia, realizada durante a 10ª Parada do Orgulho GLBT de São Paulo, em 2006, na qual 10% dos entrevistados se encontram na categoria trans, que, na análise estatística da pesquisa, abrange travestis e transexuais<sup>10</sup>, e de que extraímos os dados a seguir:

<b>Recorte sobre os dados referentes às trans (travestis e transexuais)</b>	
<b>Educação</b>	
25 %	Possuem até o ensino fundamental
10 %	Possuem nível superior
<b>Atividade Econômica</b>	
15 %	Assalariadas com carteira assinada
20 %	Trabalham por conta própria
10 %	Empregadas
05 %	Trabalham por conta própria temporariamente
30 %	Assalariadas sem carteira assinada
15 %	Outros

<sup>10</sup> Transexuais - Berenice Bento, ao discorrer sobre o transexual "oficial", ressalta que ele se baseia na produção de um saber específico que o separa das travestis e dos gays, mas que ele (ou ela) tem certeza de estar num corpo equivocado, sendo a cirurgia transgenitalizadora a única possibilidade para encontrar um lugar e um sentido identitário. A(o) transexual possui um arcabouço psicológico de um gênero e o órgão sexual do outro.

05 %	Funcionárias públicas
<b>Renda</b>	
20 %	Não tem renda
10 %	Recebem até R\$ 350,00 (01 Salário Mínimo)
15 %	Recebem entre R\$ 351,00 e R\$ 700,00 (Entre 01 e 02 Salários Mínimos)
<b>Discriminação</b>	
50 %	Foram discriminadas no ambiente escolar
45 %	Foram discriminadas pela família
55 %	Foram discriminadas por amigos e/ou vizinhos
30 %	Foram discriminadas no ambiente religioso
50 %	Foram discriminadas pela polícia
60 %	Foram discriminadas no comércio e/ou lazer
60 %	Foram discriminadas no ambiente de trabalho
50 %	Foram discriminadas nos serviços de saúde
30 %	Sofreram violência sexual
85 %	Sofreram agressão verbal e/ou ameaças
60 %	Sofreram agressão física

Podemos observar, pelos dados da pesquisa, a total inclusão das travestis na categoria dos despossuídos e vítimas do que se convencionou chamar de violência estrutural, que é aquela que se origina nas estruturas sociais e econômicas desiguais e injustas, e se reproduz através delas. Os dados apontados pela pesquisa evidenciam as diferentes formas de discriminação e preconceito destinados à travesti, pois a violência estrutural se enraíza nas relações sociais, de classe, gênero e raça, que, em última análise, são estruturantes da nossa sociedade.

Ao considerar que a violência praticada contra as travestis é uma violência de gênero, e é tão estrutural quanto a violência racial e de classe, teremos que enfrentá-la como uma questão política, pois sempre aumenta e nunca diminui, como se fosse uma espécie de fenômeno fora do alcance da ação e dos interesses da sociedade e dos governos. Porém, quando se trata das formas mais graves de violência, como é o caso dos homicídios, as vítimas e os contextos de ocorrência desses crimes adquirem um perfil menos difuso e mais homogêneo: morrem dessa maneira os sujeitos pobres, negros e jovens residentes nas periferias de grandes cidades brasileiras, em áreas onde são precárias as condições de vida e o acesso a direitos. Se nos lembrarmos dos assassinatos de Shaiane, Xandinha Brasil e Claudete Troiano, e da impunidade de seus assassinos, ou das agressões sofridas cotidianamente pelas travestis e do total desamparo desses sujeitos, compreenderemos sua descrença e desconfiança para com as forças policiais e o motivo pelo qual resolvem suas querelas com as próprias mãos.

Essa situação de vida propicia experiências que, segundo Peres (2004 p. 116),

(. . .) quer sejam simbólicas ou reais, promovem a perda de consciência sobre os direitos e deveres das pessoas, considerando que as mesmas são experimentadas nos planos físicos, psicológicos e morais, provocando sofrimento e impotência frente aos acontecimentos. Impotências que muitas vezes levam as pessoas a acreditarem que a única forma de revidação é a própria violência, tal como as máximas ultrapassadas do "dente por dente, olho por olho".

Muitas vezes, abandonada à própria sorte, a travesti é vista apenas como mercadoria. Um corpo exuberante que se mercantiliza nas esquinas da cidade, no mercado prostitutivo. Um produto a se revestir de lucro para as cafetinas. Um mero objeto de prazer para os clientes e escárnio para o restante da população. Socialmente, a

travesti se apresenta como um sujeito desfilado, que, no dizer de Saffioti (2004, p. 12), é aquele sujeito cuja experiência de vida,

(. . .) consiste numa série de fatos sucessivos: desemprego, impossibilidade de pagar o aluguel, perda da moradia e, portanto, do endereço, perda dos colegas e dos amigos, esfacelamento da família, cortes crescentes dos laços sociais, cortes estes responsáveis pelo isolamento do cidadão. Enfim, de perda em perda, o desfilado encontra-se no não lugar, talvez no vazio mais doloroso para um ser humano, que, como já dizia Aristóteles no IV século a.C., é um ser político.

E, como se não bastasse resistir à ferocidade policial, à violência estrutural e às atitudes agressivas de transeuntes e moradores, ainda há a brutalidade praticada por seus pares – outras travestis.

Denise - (. . .) Mas, naquela época, por exemplo, as travestis que eram usuárias de drogas, elas esperavam [no largo São Benedito] aquelas que não usavam drogas trabalhar, e quando dava um certo horário, que elas já tinham ganhado dinheiro, elas iam lá e roubavam as bichas [travestis].

*Pesquisador - Mas isso era quando, 80?*

D - 88, 89.

(. . .).

*P - Elas [as travestis] chegavam ali a que horas?*

D – Ah, elas chegavam cedo. Por volta de 7, 8 horas, e ficavam ali bebendo. Depois que elas iam [trabalhar]...

*P - Às 7 horas da noite?*

D – É. Só que quem bancava essas bebidas eram as travestis mais novas, as que não usavam drogas... [risos]... Porque as que usavam drogas intimavam as que não usavam a ir lá bancar a bebida. Elas falavam “paga o otim<sup>11</sup>, mona<sup>12</sup>”. A bicha [travesti] tinha que subir e pagar; porque, se ela não pagasse aquele dia, ela pagava todos os pecados dela. Naquela época, as travestis tomavam muito aquele xarope que, com bebida, altera o comportamento. Elas tomavam muito aquilo, aqueles comprimidos...

*P - Isso é xarope de tosse?*

D – É. Elas tomavam muito isso naquela época, viviam colocadas<sup>13</sup>.

*P - E assim, você nunca foi... você disse que nunca sofreu esse tipo de represália?*

D - Por conta das outras travestis, não, mas naquela época passava muito carro cheio de homem e xingava a gente, jogava pedra, jogava xixi na gente, mijava numa garrafa, numa coisa e passava, jogava na gente, Então, naquela época, tinha muito isso.

(Caderno de campo, 05/04/2006).

A violência é uma característica do mundo social em que a travesti está inserida. Na declaração acima, ela assume formas ritualísticas, em que as travestis (estabelecidas) mais velhas (não em idade, mas em atividade prostitucional) submetem as recém-chegadas (*outsiders*) a um ritual de iniciação na prostituição. Resistir a todas essas investidas, vindas de todas as direções, faz parte de seu processo de subjetivação. É assim que o mundo a trata, é assim que ela aprende a tratar o mundo e a todos os que a cercam. Dessa forma, as violências passam a ser estruturantes de sua personalidade.

Para Foucault, a subjetivação está centrada nos modos como a pessoa se torna um sujeito, e um sujeito de uma conduta moral. Como ele se conduz, ou melhor, como ele se constitui enquanto sujeito moral. De acordo com essas premissas, as travestis também

<sup>11</sup> Otím - bebida alcoólica, em bajubá.

<sup>12</sup> Mona – mulher, em bajubá.

<sup>13</sup> Colocadas - drogadas, alcoolizadas, em bajubá.

são sujeitos morais, a se constituírem cotidianamente em suas relações com o seu entorno, como na declaração abaixo:

P – Por que que aqui [Itatinga, casa da Adriana] é diferente?

Kelly - Porque aqui é zona, todo mundo conhece todo mundo. É como eu digo: fez uma vez, faz sempre. (. . .) O único roubo que eu faço, e que não é sério... Eu não considero roubo. Ontem eu ganhei um dinheiro assim: eu tava aí, na esquina ontem à tarde, aí o cara parou pra mim e falou assim: “Quanto é o programa?” “O programa é R\$ 30,00. Pode ser na sua casa? Onde eu moro não pode [Adriana não admite fazer programas em sua casa, porque ali as meninas moram, dormem e fazem suas refeições, apenas], mas tem um quartinho ali, que é R\$ 5,00. Ou, se quiser, eu entro no carro e a gente vai até ali e eu faço um programa com você”. “Ah! Mas R\$ 30,00 é muito caro”. “Tá bom, eu faço R\$ 25,00 pra você”. “Eu vou até ali e você desce andando, chegando ali, você vai fazer uma chupeta, quanto?” Eu disse: “É R\$ 20,00. Não é tiração<sup>14</sup> isso?” Falava: “Entra aí que eu quero uma chupetinha”, me levava. Eu fazia e me trazia de volta. Não, me botou no carro dele eu fui andando e o cara veio lá embaixo... e eu andando, andando, e ele bem devagarinho. Eu andando atrás e ele na frente. Daí eu chego lá e ele falou assim: “Você não leva a mal o que eu vou dizer ? Você fica pelada aí fora e eu me masturbo aqui dentro?” Aí eu falei: “Moço, o que você tá pensando da gente? Tá com medo de mim? Como você quer fazer um programa? Pois eu vou ser bem sincera, eu é que tô com medo de você. Por que que você não quer que eu entre no seu carro? Você acha que eu vou roubar?” “Não, eu conheço a N.” “É porque você não quer que eu entre no seu carro, se você conhece as minhas amigas lá de casa? Se quiser a gente vai lá em casa, que desconfiança é essa?” Você acaba se magoando, isso é magoação<sup>15</sup> Porque a gente que é da noite, a gente temos que desconfiar do cliente, não é o cliente desconfiar da gente. Aí então eu falei pra ele: “Então tá, eu vou ficar pelada pra você. Só que eu vou entrar no seu carro”. “Não, não, pode ficar aí fora”. E ele todo arrumado, sabe? “Só que primeiro você me dá o dinheiro”. Aí ele me deu os R\$ 20,00. “Só pela sua tiração de ter feito eu vir de lá de cima até aqui a pé e você veio de carro, eu vou ficar com esse dinheiro. Por não ter deixado eu entrar no seu carro, eu não vou fazer o programa”. Aí ele disse: “Tudo bem”. Eu não considero isso um roubo. É roubo isso? Não, né? Não é folgado? Olha, aqui a gente pode multar, sabe por quê? Por que as cafetinas também multam a gente.

*P - O que é multa?*

K - Multa é isso aqui ó: eu fiquei com raiva de uma bicha [outra travesti]. Aí eu chego lá, pego a garrafa de café e pá! no chão, com raiva da bicha. Hoje uma garrafa de café custa quanto? Uns dez reais? Ela [a cafetina] tem o direito de chegar pra mim e falar: “Só por causa do abuso, você vai pagar R\$ 500,00”. Ela pode fazer isso, como cafetina pode. Ela pode dizer: “Mas vai dar show na puta que o pariu, mas não estraga minha casa”. Tá entendendo? A mesma coisa é a gente. A mesma coisa é a gente, que vai pro motel com um cara. Aí, que nem outro dia, eu saí com um cara e eu fui logo falando: “Meu peito é postiço”. E ele falou; Não, não tem problema”. Daí eu fui tirar a roupa, e ele: “Não, eu não quero mais ficar com você, porque seu peito é diferente”. Eu falei: “Mas então você vai pagar meu programa, não vai?” “Eu vou pagar”. “O dobro, não é? Porque se eu vou ficar com você eu ia cobrar trinta, mas como você não ficou comigo agora eu vou cobrar R\$ 60,00”. Eles pagam numa boa e isso não é roubar. Jamais o cliente vai voltar outro dia na pista... Jamais ele vai na casa dele pegar uma arma e matar por causa disso.

(Caderno de campo 22/03/2007).

A multa é um castigo imposto num jogo de dissimetrias: aquele que infringiu alguma regra social deve pagar, na maioria das vezes, em moeda corrente, um valor estipulado para ter seu valor *moral* restabelecido; por exemplo, a multa de trânsito ou

<sup>14</sup> Gozação, ato de tirar sarro.

<sup>15</sup> Ato de magoar.

por atraso no pagamento de alguma conta. Essa é a coerência capitalista que permeia a vida social. Numa lógica distorcida, a cafetina multa por algo de *errado* que a jovem travesti fez – quebrar a garrafa térmica – e determina um valor bem acima da média de mercado pelo *abuso* cometido de quebrar algo que não lhe pertencia. Dessa maneira, a travesti aceita a ordem social estabelecida e subjetiva essa prática, além de se sentir apta a utilizá-la para com os *clientes que rompem o acordado* para os serviços sexuais.

Foucault alude à subjetivação normatizadora como uma dimensão da experiência moral, mas, ao mesmo tempo, adverte que a relação do código/regras com as condutas deve ser regida por ele (código e/ou regras) e que não se deve apresentar razões ou justificativas para a sua aceitação. Agir de acordo com um determinado princípio sugere não só posicionar-se diante dele e do lugar que se ocupa, mas também restringir a parte de si implicada na observância desse preceito. Assim, o sujeito atua sobre si por meio de práticas, tendo como horizonte a conduta, um certo modo de ser que é desejado. Mais do que atrelar um indivíduo a determinadas regras, a subjetivação normatizadora implica a experiência moral da constituição de um certo tipo de sujeito que não está dado de antemão, pois que se trata de formá-lo, de torná-lo um certo tipo de sujeito, e não de afirmá-lo.

É necessário também admitir que em certas morais a importância é dada, sobretudo ao código, à sua sistematicidade e riqueza, à sua capacidade de ajustar-se a todos os casos possíveis, e a cobrir todos os campos de comportamentos; em tais morais, a importância deve ser procurada do lado das instâncias de autoridade que fazem valer esse código, que o impõem à aprendizagem e à observação, que sancionam as infrações; nessas condições, a subjetividade se efetua, no essencial, de uma forma quase jurídica, em que o sujeito moral se refere a uma lei ou a um conjunto de leis às quais ele deve se submeter sob pena de incorrer em faltas que o expõem a um castigo. (FOUCAULT, 2001, p. 29)

Para as travestis, principalmente aquelas que moram no Jardim Itatinga, na casa administrada por Denise, as ações morais não são a mera aplicação de um princípio universal da cultura "travesti" a casos particulares ou a afirmação de uma identidade original, porém, através dessas ações morais, elas se constituem como sujeitos dentro de uma certa conduta moral, um modo de ser específico.

*P - Eu queria conversar sobre a casa, sobre o funcionamento da casa.*

Carol - (Com quem Denise divide a administração da casa) A bicha chega aqui e conversa comigo. E eu explico pra ela qual é a regra da casa, o que a casa pede pra ela.

*P - E qual é a regra da casa?*

C - A regra é assim: Ela sabe que não pode usar droga aqui, a não ser a erva [maconha]. Erva, tudo bem. Agora, cocaína e *crack*, a Adriana não aceita jamais. Que elas não roubem aqui. Porque ela sai lá pra fora trabalhar, entendeu, e roubar, a Adriana não gosta dessas coisas. Pra ela trabalha na moral. Eu explico isso pra ela, porque tem umas que chegam aqui muito loucas, drogadas, roubam na frente da casa... E a gente não tem controle, senão... Eu explico pra elas, que caso elas não respeitem as regras, aí a Adriana manda embora.

(Cadernos de campo, 22/03/2006).

(...)

Denise - (...) A minha ideologia é de acolher, recolher, valorizar, incentivar, estar aconselhando e tal, mas as cafetinas não é; então aqui, por exemplo, eu tomando conta da casa, não dessa daqui, porque aqui eu moro sozinha, umas que vem aqui são minhas colegas e amigas e tal. As meninas, eu estou incentivando e falando e tal, de repente aconteceu um problema que nem eu estou sabendo... a dona da casa [Adriana] sabe, ela liga e fala: “Denise, manda a fulana embora”. No dia anterior eu tava lá aconselhando, cuidando, passando a mão, alisando e no dia seguinte eu tenho que estar lá mandando

embora: “Olha, a Adriana falou que você não pode continuar. Você fez isso e isso, e ela não quer mais...” E hoje tem aquela coisa da cafetina falar assim: “Vai embora da cidade, não é só vai embora da minha casa, é ir embora da cidade. Você não pode ficar mais na cidade, entendeu?”

(Caderno de campo, 05/04/2006).

As travestis com as quais convivi por mais de um ano, no Jardim Itatinga, utilizam todo um arsenal tecnológico para se construírem fisicamente e constituírem suas identidades femininas, adotando, inclusive, um nome feminino. Elas se tratam umas às outras por *mona* ou *amapô*, termos advindos do dialeto bajubá e que significam mulher.

Enquanto a cultura machista e heterossexista lhe reserva toda sorte de exclusões, pensar a travesti profissional do sexo pela questão de gênero transfere para sua vivência social características próximas à experiência prostitucional feminina.

E, por estar inserida no mercado informal da prostituição, que é vista como uma chaga humana, Versiani (1980 apud GASPARG, 1985) salienta que “(. . .) o estigma projetado na prostituição aciona outras formas de discriminação e ainda que tenha apenas a conduta sexual como referência explícita, transfere sua projeção para outros papéis da vida da prostituta”. Trata-se de fato também observado entre algumas de minhas pesquisadas, como demonstra o seguinte diálogo:

*P - E você, está aqui há quanto tempo?*

Luana - Eu... Não sei, tem um tempo, mas é que eu vou e volto pra casa.

*P - Você mora onde?*

L - Em Goiânia.

*P - Por que você vai e volta?*

L - Sei lá, acho que porque eu não gosto de ficar aqui por muito tempo. Ficar fazendo o que eu faço...

*P - E o que você faz lá, em Goiânia?*

L - Nada. Antes d'eu vir pra cá eu trabalhava num frigorífico.

Trabalhava lá, aí eu saí, e agora eu vim pra cá!

*P - E qual a sua idade?*

L - 20, 20 aninhos.

*P - 20 aninhos... E desde quando você descobriu que você era travesti?*

L - Pra falar a verdade, travesti eu não sou. Lá na minha cidade eu não me visto assim, não.

*P - Então, como você se define?*

L - Sei lá.

*P - Se você não é travesti o que você é?*

L - Um gay normal.

*P - Há há há há ... mas você não faz programa?*

L - Faço...

*P - E lá em Goiânia você não faz programa?*

L - Não.

*P - E seus pais não sabem?*

L - Que eu sou gay, sabem. Que eu me visto assim, que eu faço programa aqui, não!

*P - E o que você faz com essas roupas?*

L - Minha mala é trancada. Chegando lá, eu tranco.

*P - E esses adereços todos?*

L - Ninguém mexe, ela fica trancada.

(Caderno de campo, 20/11/2006).

Este diálogo demonstra a preocupação de minha entrevistada em evidenciar que a atividade profissional no mercado prostitutivo e a performance corporal requerida no

comércio sexual das travestis não fazem parte de seu projeto de vida, portanto, sua passagem pelo Jardim Itatinga não deve interferir nos outros domínios de sua existência. Ela afirmou não ter silicone (líquido/industrial ou prótese) no corpo e seus cabelos (na época da pesquisa) eram curtos, embora nossa conversa tenha acontecido em seu quarto, enquanto ela se produzia para o trabalho prostitucional, passando chapinha para alisar os cabelos e se maquiando.

Mesmo assim, vale lembrar que a atividade do corpo transformado e erotizado da travesti tem um valor de troca no mercado prostitutivo e sua atividade profissional não pode ser problematizada isoladamente, uma vez que oferta não subsiste sem uma demanda e demandantes. Só essa simples lei mercadológica nos serve para pensar a prostituição das travestis para além do ponto de vista de seus corpos transformados e atravessados pela violência institucionalizada.

Outro conceito que se aplica à experiência travesti é a resiliência, que, para as ciências humanas, representa a capacidade do indivíduo em resistir às adversidades, físicas e psicológicas e assim construir sua vida apesar de tudo de negativo que o cerca. Resiliência é um termo originário da física e, segundo Ramires (2004, p. 161), foi estendido à “(. . .) psicologia e refere-se à capacidade demonstrada pelo seres humanos em lidar cotidianamente com pressões adversas (. . .) disposição que o indivíduo possui para superar situações difíceis de perda, stress, e desafios em suas vidas”. Assim, as travestis possuem uma forte resiliência, porque, a despeito de tudo e de todos, elas se constroem, se subjetivam e sobrevivem cotidianamente, como podemos ver neste desabafo de uma outra participante:

Kelly - Quando eu vim agora, da última vez que eu vim do Ceará, pra casa dessa outra cafetina [em São Bernardo do Campo], veio eu e outra bichinha [travesti]. A bichinha bombou [colocou silicone líquido] a bunda, mona, e a cafetina fez a máfia<sup>16</sup> com a bicha. Bombou a bicha, colocou uma peruca e a bicha ficou linda. Mas aí o que acontece? A bicha tinha que dar pra ela todo aquê<sup>17</sup> que ganhasse... Quando ela me mostrou como tava o pé dela<sup>18</sup> eu falei pra bicha: “Bicha, vamos embora que isso aí já é palhaçada! Viado nenhum aguenta tanto silicone de uma vez só”. E a cafetina morre dizendo que não foi ela que fez isso. Olha, mona, nem o [silicone] barra 1000<sup>19</sup> ela usou no viado, ela usou foi aquele lá de 350. Desceu tudo e agora como é que a bicha faz pra pagar a peruca? E ainda tem que pagar aquele silicone todo! Tudo o que a bicha faz é pra pagar a peruca e pagar o silicone, pagar a peruca e pagar o silicone. A bicha não fuma, não bebe, não se droga, não faz nada! Tá lá empenhada! Eu não, logo que me multou, eu disse “Ah! vai me multar? Pois eu vou pra rua ganhar o aquê”. Ganhei, comprei a passagem e vim pra cá. Eu disse pra ela [cafetina] que só voltaria quando eu ganhasse o dinheiro dela. Fiquei dois dias na rua, fiquei dois dias na rua dentro do motel ganhando dinheiro pra quê? Pra dar pra cafetina... E quando eu tava vindo [pra Campinas] fui roubada e eu cheguei só com duas saias e um top. Eu tava lá em Santo André e eu falei pra bicha: “Bicha, é a tua cara ficar aqui dando o cu e chupando o pau desses lixos [os clientes] pra pagar essa peruca. Todo dinheiro seu vai pra cafetina. Você já pagou esse silicone, ó (estala os dedos). Você vai se matar pra dar dinheiro pra ela, por quê?” Todo dia ela em cima da bicha, cobrando. “Viado, você vai ficar a vida toda pra pagar esse peito [que ainda vai

---

<sup>16</sup> Aprontar, explorar.

<sup>17</sup> Aquê - dinheiro, grana, em bajubá.

<sup>18</sup> O silicone líquido, na maioria das vezes, escorre por dentro do organismo, parando no tornozelo, criando o fenômeno de "pata de elefante."

<sup>19</sup> Há no mercado dois tipos de silicone industrial, o barra 1000, que é mais viscoso, e o 350, que é mais líquido.

colocar]? Junta o seu dinheiro e paga esse peito de uma vez”. O viado é bonito, ele ganha, mona. Sabe aquele viado que ganha e a cafetina aproveita e quer logo botar peito, pra ficar empenhado? “Bicha, pelo amor de Deus vamos embora, não bota esse peito, não bota esse peito!” (. . .) Sabe aquela bicha que veio do interior? A bicha é inocente e é a primeira cafetina? Eu disse pra bicha: “Eu vou ficar me matando pra dar dinheiro pra cafetina? Eu vou fugir...” Porque por qualquer coisa a bicha [a cafetina] multava! “Porque, bicha, eu paguei tanta multa, tanta multa praquela cafetina”. Olha, uma bicha quebrou a garrafa de café, a cafetina multou todo mundo, porque ninguém sabe quem quebrou aquela garrafa. As bichas foi lá brigar uma com a outra, tacou a faca, a bicha [cafetina], multou todas, todas pagaram R\$ 50, 00, entendeu? A cafetina [de Santo André] fez a podre, entendeu? A cafetina é muito podre! (Caderno de campo, 22/03/2007).

Com suas próteses, *liftings*, cirurgias plásticas e inúmeras outras técnicas de modificação corporal, a ciência hoje propicia uma inegável dimensão emancipatória ao corpo, e assim ameaça de modo direto os alicerces mítico-simbólicos que regulam a moral jurídica das identidades hegemônicas calcadas no masculino e feminino.

Desde os anos de 1980, a epidemia de AIDS possibilitou a emergência discursiva sobre as práticas sexuais humanas transgressivas. Dessa forma, iluminou e visibilizou as múltiplas formas de sexualidade, fazendo ascender uma gama de subculturas que colocaram em xeque o binarismo clássico do masculino e do feminino, do heterossexual e do homossexual, do normal e do desviante. A partir de então, na figura do homossexual não couberam mais as inúmeras identidades surgidas com a inversão dos papéis sexuais, como é o caso da travesti.

Talvez por isso hoje não enxerguemos mais tantos problemas e receios no corpo sexuado da mulher, pois transferimos esses temores para a questão do gênero feminino, reivindicado pelas travestis e transexuais.

*P – Ela [a travesti adolescente] sabe diferenciar uma travesti de uma transexual?*

Denise – Não sabe, mas você percebe quando é uma travesti e quando é uma transexual.

*P - Você pode definir uma e outra identidade?*

D - A pessoa que é transexual já tem uma maneira de se comportar diferenciada, uma travesti geralmente quer se vestir mostrando toda a forma do corpo, sensual, nua, e a transexual não, ela quer se vestir se comportando como uma mulher, uma mulher que não deixa o seio à mostra, que não deixa a popa da bunda de fora, você entende como é? Uma travesti já abusa da sensualidade, ela já abusa do corpo, ela se expõe pra seduzir e uma transexual não, ela já se veste, tampa o máximo do seu corpo porque pra ela, ela é mulher... [A transexual] tem um desejo maior de parecer com o sexo feminino e é um desejo tão grande que chega a ser uma fixação, é um desejo de ser mulher, então ela quer casar, quer ter filho, quer ter vagina, não se imagina como prostituta. Ela se prostitui até saber que é transexual, um dia ela descobre que não é travesti, que as coisas que satisfazem a travesti não satisfazem a ela, então ela se descobre, porque a travesti fala com muita tranquilidade da sua genitália e ela não consegue falar dela porque pra ela isso não existe. Pra ela é um pedaço que ela não quer nem lembrar que tem. Ela começa a perceber que é diferente (. . .) Mesmo a transexual que vem morar com cafetina e tudo,

vem se prostituir, mas pra ela não faz bem andar com as travestis, ela consegue se relacionar melhor com uma outra mulher. Uma travesti não fala do amor do homem, ela não espera o amor de um homem, são pouquíssimas travestis que falam nessa questão de amar uma pessoa, de amar, de querer.

(Caderno de campo, 05/04/2006).

Toda a imagem corporal da travesti é construída sob signos do feminino: saias, vestidos, seios, cabelos, unhas cumpridas, sapatos e sandálias etc., que corroboram a reivindicação de serem vistas e tratadas no feminino.

Contudo, o inflexível antagonismo existente entre suas formas femininas e seu falo desloca os gêneros, desconstruindo o masculino e reconstruindo o feminino. Ou seria o contrário? Nessa perspectiva, qual o enquadramento conceitual para a análise de seu gênero? Ao colocarmos a questão da identidade travesti, nestes termos, caímos na emboscada teórica de tratar gênero e sexo biológico novamente a partir da dicotomia natureza e cultura. A questão que se coloca, por conseguinte, é: como fugir dessa armadilha epistemológica?

Santos, P. R. (2009). Ambiguities in the body and soul, questioning the boundaries of genres. *Revista de Psicologia da UNESP*, 8(2), 54-75.

**Abstract:** *This work is the result of a long and intensive field research with the transvestite sex workers, living in the house of a pimp in the “Jardim Itatinga” - largest red light district of Latin America on the outskirts of the city of Campinas, state of São Paulo - which was conducted for my dissertation in GEISH - Interdisciplinary Group for Human Sexuality at the Faculty of Education at Unicamp. In this paper, through a Foucauldian perspective, I analyze the life-stories of my interviewees, in which questions arise related to daily intrinsically intertwined with the identity and subjectivity. In this way seek to understand what the impact exerted by body modification in these subjects and subjectivity in their identity, its relationship with others and with herself. Without losing sight that this process of transformation may submit two ways, of the normalization and of the transgression, I seek to learn how the body can generate new instances of meaning relations between sex and gender, identity and subjectivity.*

**Keywords:** *gender, transvestite, intolerance.*

## **Referências**

- AAN. (2004, 10 de maio). Missa de 7º dia reúne amigos de Shaiane. *Correio Popular*, p. 08, Caderno Cidade.
- AAN. (2004, 15 de outubro). Morre no Bosque vítima de “guerra” entre os travestis. *Correio Popular*, p. 01, Caderno Cidade.
- AAN. (2004, 20 de outubro). Travesti suspeito de crime tem prisão decretada. *Correio Popular*, p. 01, Caderno Cidade.
- AAN. (2004, 20 de outubro). Justiça decreta prisão do travesti Adriana. *Correio Popular*, p. 07, Caderno Cidade.

- Azevedo, P. (2004, 05 de maio). Travesti morto na Aquidabã é enterrado. *Correio Popular*, p. 04, Caderno Cidade.
- Azevedo, P. & Silva, C. (2005, 05 de maio). Travestis acusam guardas de omissão. *Diário do Povo*, p. 05.
- Carvalho, L. M. (2007, maio). Blitz! Na trivial interpelação de tipos "suspeitos", um espelho do estado de direito no Brasil, n. 8, p. 39 – 41. *Piauí*. Rio de Janeiro: Alvinegra.
- Cascais, F. *Sexo, para que te quero?* Acessado em 24/06/2007, do <http://www.rizoma.net/interna.php?id=189&secao=desbunde>.
- Costa, J. F. (1996). O referente da identidade homossexual. In R. Parker & M. R. Barbosa (orgs). *Sexualidades Brasileiras* (pp. 63 – 89). Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ABIA: IMS/UERJ.
- Deleuze, G. (1990). *O que é um dispositivo. Michel Foucault, filósofo*. (W. F. Nascimento, trad., pp. 155 – 161). Barcelona: Gedisa. Acessado em 24/06/2007, do <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/art14.html>.
- Elias, N. & Scotson, J. L. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders* (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Foucault, M. (1984). *História da sexualidade II: usos dos prazeres*. (M. T. C. Albuquerque & J. A. G. Albuquerque, trad., 9a ed.). Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (1985). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. (M. T. C. A. & J. A. G. Albuquerque, trad., 6a ed.). Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola.
- Foucault, M. (2001). *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. (E. Brandão, trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2006). *Outros espaços. Estética: literatura e pintura, música e cinema*. (I. A. D. B., trad., 2a ed., pp. 411 – 422). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Garcia, W. (2000). *A forma estranha: ensaios sobre cultura e homoerotismo*. São Paulo: Pulsar.
- Gaspar, M. D. (1985). *Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Gregori, E. (2004, 12 de Maio). Travestis e o Bosque. *Correio Popular*, p. 03.
- Guattari, F. & Rolnik, S. (1986). *Micropolítica: Cartografias do desejo* (2a ed.). Rio de Janeiro: Vozes.
- Hall, S. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. (T. T. S. & G. L. Louro, trad., 10a ed.). Rio de Janeiro: DP&A.
- Identidade - Grupo de Ação pela Cidadania de Lésbicas, Gays, Travestis, Transexuais e Bissexuais. *Entrevista com a travesti Denise Martins*. Acessado em 20/05/2003, do <http://www.identidadecampinas.hpg.ig.com.br/>.

- Laqueur, T. (2001). *Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. (V. Whately, trad.). Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Louro, G. L. (2004). *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria quier*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Louro, G. L., Neckel, J. F. & Goellner, S. V. (orgs.) (2003). *Corpo, gênero e sexualidade* (pp. 41 – 52). Petrópolis: Vozes.
- Oliveira, N. M. (1994). *Damas de paus: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher*. Salvador: Centro Editorial Didático da UFBA.
- Parada do Orgulho GLBT de São Paulo. (2006). *Sexualidade, cidadania, homofobia: pesquisa 10ª parada do orgulho glbt de São Paulo*. Acessado em 20/10/2007, do <http://www.paradasp.org.br/modules/mydownloads/singlefile.php?cid=1&lid=21>. 2007.
- Parker, R. (1994). *A construção da solidariedade: AIDS, sexualidade e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ABIA:IMS-UERJ.
- Perlongher, N. (1986). Trottoir: a territorialidade itinerante. *Revista Desvios* 5, 97 - 106. São Paulo: Paz Terra
- Peres, W. S. (2004). Violência, exclusão e sofrimento psíquico. *Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde* (pp.116–122). Rio de Janeiro: ABIA.
- Pinho, O. *Desejo e poder: racismo e violência estrutural em comunidades homossexuais*. Acessado em 24/06/2007, do <http://www.libertadeslaicas.org.mx/paginas/infoEspecial/pdfArticulosDerechos/100102>.
- Preciado, B. *Multidões queer - notas para uma política dos "anormais"*. Acessado em 24/06/2007, do <http://www.rizoma.net/interna.php?id=216&seção=desbunde>.
- Prins, B. & Meijer, I. C. (2002). Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista de estudos feministas*, 10(1). Acessado em 01/04/2007, do [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2002000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100009).
- Ramires, L. (2004). Saúde dos homossexuais - uma questão de resiliência. *Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde*, 161 - 162. Rio de Janeiro: ABIA.
- Saffioti, H. I. B. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Silva, C. (2004, 03 de maio). Travesti de 16 anos é assassinado no Bosque. *Correio Popular*, p. 04, Caderno Cidade.
- Silva, C. (2004, 15 de outubro). "Guerra" de travestis termina em assassinato no Bosque. *Correio Popular*, p. 05, Caderno Cidade.
- Silva, C. (2004, 15 de outubro). Tragédia anunciada. *Diário do Povo*, p. 05.
- Silva, C. & Azevedo, P. (2004, 04 de maio). Assassinato evidencia prostituição infantil. *Correio Popular*, p. 05, Caderno Cidade.

Silva, H. (2007). *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco.

Valente, C. (2004, 20 de outubro). Assassinato no Bosque. *Correio Popular*, p. 02, Coluna do Leitor.

Welzer-Lang, D. *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*. Acessado em 24/06/2007, do <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8635.pdf>.

*Recebido: 11 de outubro de 2009.*

*Aprovado: 15 de janeiro de 2010.*